

## Escritor e literatura em outro lugar\*

Ligia Cademartori\*\*

### Resumo

*O texto parte de reminiscências da autora sobre um tempo em que era necessário, nas universidades, encontrar formas de fugir à rigidez dos programas acadêmicos. A autora analisa o papel da literatura na vida contemporânea, sua relação com outras mídias e os aspectos interdisciplinares do ofício do escritor. O texto enfatiza o papel minoritário dos leitores literários na atualidade que escolhem a leitura como uma “especial aventura subjetiva” em detrimento outros produtos da indústria do entretenimento. O artigo conclui com uma sugestão de leitura – Austerlitz, de W. G. Sebald – em que a narrativa se mescla a elementos outras linguagens, como a visual, corroborando as inúmeras possibilidades de inovação do romance contemporâneo para satisfazer as expectativas de um leitor cada vez mais exigente.*

### Palavras-chave

*Literatura e mídia; romance contemporâneo; leitura; interdisciplinaridade.*

### Abstract

*Taking as a starting point memories of a time when it was necessary at universities to find ways to escape the rigidity of teaching programs, the author analyses the role of literature in contemporary life, its relationship with other media and the interdisciplinary aspects of writing as a professional activity. The text emphasizes the minority role of readers of literature today, who choose reading as a “special subjective adventure”, in detriment of other products of the entertainment industry. The paper closes with an analysis of a suggested reading – Austerlitz, by W. G. Sebald –, in which the narrative text mingles with other languages, such as visual language, to estate the innumerable possibilities of innovation of contemporary novel to meet the demanding reader’s expectations.*

### Keywords

*Literature and mass media; contemporary novel; reading; interdisciplinarity.*

---

\* Conferência pronunciada no I Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, de 25 a 28 de outubro de 2011.

\*\* Ligia Cademartori é doutora em Teoria da Literatura, ex-professora da Universidade de Brasília - UnB, autora de diversos livros e artigos sobre teoria e crítica literária.

HÁ MUITOS ANOS, QUANDO EU LECIONAVA no Departamento de Letras da Universidade de Caxias do Sul, meus colegas e eu nos reuníamos, periodicamente, para planejar a oferta de disciplinas de literatura para o semestre seguinte. Distribuíamos entre nós os cursos obrigatórios e, então, usávamos da liberdade de propor um curso eletivo, sobre tema instigante no momento e que acreditássemos pudesse entusiasmar os estudantes.

Esse espaço de liberdade permitia escapar da rigidez dos programas e investigar assuntos que considerássemos relevantes, embora não obrigatórios, para a formação dos nossos alunos. Eram cursos monográficos, não estavam previstos, e poderíamos não voltar a oferecê-los. Tal flexibilidade permitiu, por exemplo, que, nos duros anos 70, transpondo a normatividade e o bom comportamento dos estudos sobre o barroco brasileiro, eu pudesse investigar o lado farsesco, satírico e pornográfico do primeiro poeta a fazer em versos a crônica da corrupção e do descabro na formação do Brasil: Gregório de Matos. Éramos jovens, a universidade, menina, ousávamos. E nos perguntávamos sempre: o que ela vai ser, quando crescer?

Quando recebi o convite para visitar minha universidade de origem, neste aniversário tão significativo, afago e honra que agradeço aos coordenadores do Seminário e aos demais colegas, de imediato me autorizei a fantasia feliz de que voltava a uma daquelas reuniões antigas e escolhia um tema cuja reflexão considerasse importante para os alunos de hoje.

Minha eleição recaiu sobre assunto de caráter interdisciplinar: pensar a literatura a partir da posição que ela passou a ocupar na sociedade midiática e de consumo, e pensar, também, a integração de práticas discursivas distintas nas obras literárias do novo milênio. Creio que, sem a consciência da atual perda do capital simbólico da literatura frente aos outros meios, e sem o reconhecimento dos artifícios a que a indústria cultural recorre para destacar uma obra, e não outra; um escritor, e não outro, nossa percepção de leitores e de estudiosos pode ficar bastante comprometida.

Foi por essa razão que, para falar da potencialidade da literatura, em *O professor e a literatura*, meu livro teórico mais recente, recorri à obra ficcional do escritor contemporâneo Lloyd Jones. *O senhor Pip* é uma narrativa ambientada em ilha de Papua a que a guerra civil, em 1990, havia imposto rigoroso bloqueio e, com ele, a supressão geral de recursos. Aos ilhéus restou apenas um livro e é a partir dos sentidos que esse livro deflagra que passam a viver.

Como não estamos sob bloqueio de guerra, para nós, a literatura existe entre todos os outros meios e não goza de supremacia. Hoje, a profusão de símbolos provém dos meios eletrônicos e nós, os que a cultuamos, fazemos parte, como disse Juan Ramón Jiménez, da imensa minoria. Uma minoria peculiar, que subverte a velocidade e a simultaneidade dos outros meios e, renunciando à superficialidade do zapear, para, e calma e isoladamente lê um livro. Uma minoria que se permite usufruir, na desaceleração do tempo, uma especial aventura subjetiva, provocada pelos múltiplos efeitos de sentido de uma ficção ou de um poema.

Essa aventura, no entanto, é precedida de uma escolha: a do livro que se vai ler. Tal escolha, acho importante reconhecer, é bem menos livre do que gostamos de pensar. E não estou falando das leituras obrigatórias por compromissos universitários, não. A leitura eletiva das nossas horas livres sofre também intermediações, desde o momento em que entramos em uma livraria das grandes redes e os livros que vemos expostos na ilha são aqueles negociados entre editora e livraria, para ocuparem aquele lugar privilegiado em que estão e receberem nosso olhar prioritariamente. As interferências partem daí e se estendem até a ação que exerce sobre nós a mudança pela qual passou o papel do escritor.

O escritor de nossos dias virou *commodity* na bolsa de valores literários. É ele a matéria prima exposta em entrevistas na televisão, no jornal, na rede. Alguns estão incansavelmente presentes em toda espécie de eventos literários, cumprindo agenda de janeiro a dezembro, do extremo norte ao extremo sul. Os escritores, hoje, falam muito e há aqueles que atraem mais ouvintes que leitores. Esse é outro paradoxo da inserção da literatura na indústria do entretenimento.

Há autores de aulas-show, que fazem o público rir muito. Há autores que se fantasiam em encontros literários. Outros há que fazem performances nas mesas, assumindo voz teatral, empostada, de forte apelo dramático. Vigora o teatro das letras, precedendo, em alguns casos, e substituindo, na maioria deles, a leitura das letras.

Sem dúvida, o escritor ocupa hoje um outro lugar. Assumiu novo papel, para ganhar espaço e gerar notícia. Espaço não necessariamente para sua obra, embora sempre ajude um pouco. Em boa parte dos casos, é o escritor, e não o livro, que vira mercadoria, como bem sabe quem acompanha a agenda da vida literária do país.

Analisando a figura do escritor hoje, Beatriz Sarlo (1997) destaca essa “reconfiguração midiática” da cultura como sendo o seu traço mais distintivo. A

verdade é que a literatura saiu da torre e foi para o mercado, fugindo do temor de morrer completamente esquecida. E, no mercado, há negócios, encenação, espetáculo. A literatura, então, se apresenta pela via da indústria do entretenimento. Como salienta a intelectual argentina, e também o escritor brasileiro Silviano Santiago, o escritor do novo milênio existe menos pelo que escreve e mais pelo que ele diz em outros meios. Para resistir, a arte literária precisa ser anunciada no que Sarlo chama de abundância obscena da mídia.

Essa estratégia pode desagradar a alguns, mas, temos que reconhecer, é, sem dúvida, uma forma – e talvez seja a única – de resistência. No entanto, e esse é o ponto que particularmente me interessa destacar, essas formas de publicidade embaralham noções de valor. Os escritores precisam publicar muito, porque se não lançam um livro a cada ano, perdem o que os jornalistas chamam de valor-notícia. Apagam-se. Os que fazem o pacto com a mídia, açodados, publicam um livro atrás do outro, seguindo uma lógica publicitária que gera resenha, entrevista, reportagem. Portanto, estamos vivendo o oposto perfeito do que postulava William Faulkner: “O artista não tem importância. Só é importante o que ele cria.”

Perante essa circunstância, como deve se pautar um curso de Letras? A universidade é uma das instâncias de reconhecimento, preservação e consagração da literatura. Portanto, a ela cabe estar atenta aos fenômenos culturais contemporâneos, participar deles e, ao mesmo tempo, constituir-se em lugar de resistência, por via da reflexão, à abundância indiscriminada dos outros meios. Não se espera da Universidade que repercuta, de modo irrefletido, as modas e vogas do momento, mas que consiga identificar o que, de fato, merece atenção e o que é mero apelo publicitário. Espera-se que os estudos acadêmicos analisem e avaliem as obras contemporâneas a partir de uma interpretação acurada da sociedade atual, com todos os desafios de entendimento que apresentam suas mudanças e complexidades. Mas que a universidade também saiba dividir sua atenção entre o contemporâneo, que permite a sintonia e o entendimento do momento que vivemos, e o clássico. Este, por sê-lo, tem atravessado os tempos representando o espanto existencial comum a todos os homens.

Nas produções literárias do novo milênio é estimulante observar a convivência de diferentes práticas discursivas. A fusão da literatura com outras modalidades de discurso, como o jornalismo, vem do século XIX e já provocava críticas em 1962. Em *Carnê Dourado*, de Doris Lessing, a voz narrativa reclamava dessa fusão, dizendo que o

romance havia se convertido em uma forma avançada de jornalismo. Cito: “Lemos romances que nos informam sobre aspectos da vida que não conhecemos. (...) De 500 ou 1000 romances, um só possui a qualidade que um romance tem para sê-lo autenticamente: a qualidade filosófica. Leio a maioria dos romances com o mesmo tipo de curiosidade com que leio um livro de reportagens.” (LESSING, 2007, p.92)

Quatro anos após a publicação do famoso romance de Lessing, no ano de 1966, será publicado o grande marco da fusão entre literatura e jornalismo: *A sangue frio*, de Truman Capote. No Brasil, na década de 70, a literatura chamou a si a responsabilidade de assumir função compensatória: registrar o que o jornal não podia publicar e a história oficial ocultava. Na boa literatura do novo milênio, porém, parece ser o ensaísmo que se funde mais frequentemente com a literatura. Principalmente, aquela literatura que se recusa a apenas repercutir a mídia. Nessa medida, constitui caso paradigmático a obra do alemão W. G. Sebald. Seu romance *Austerlitz* (2008) é celebrado como uma das obras mais significativas do início do século. Sebald funde ficção, memorialismo e ensaio em obra que envolve o leitor pela narração sedutora, mais do que pela ação.

*Austerlitz* chegou ao Brasil celebrado como a melhor obra de uma das vozes mais peculiares da literatura contemporânea. Definitivamente *cult*, a obra do escritor alemão, nascido em 1944, é uma fábula sobre o tempo e a memória. A narração evolui em ritmo encantatório, com diálogos contínuos, sem aspas ou travessões. As falas do narrador, do protagonista e de outras personagens se entrelaçam como no fluxo da narrativa oral.

Parece que o remoto narrador clássico, de que falava Walter Benjamin, aquele narrador que detinha a sabedoria da experiência e expunha o lado épico da verdade, de algum modo se insinua nesse relato, para dar mostras de um modo de narrar que não é usual. Sebald é exímio contador de histórias, com plena consciência da sedução que elas podem exercer sobre nós.

Nessa história sobre a consciência – ou falta dela – a força vem da descrição, embora se trate de uma conversa entre o narrador e o personagem Austerlitz, que se desenvolve ao longo de anos, em encontros marcados e noutros ocorridos por coincidência. Os assuntos envolvem personagens diversas e abrem vários segmentos a partir do relato essencial. O que pode parecer digressões – como passagens sobre o comportamento dos pombos ou a imobilidade das borboletas que se perdem pelo caminho – são, de fato, peças do quebra-cabeça para reconstituir um sujeito. A história

da arquitetura, e o que ela revela sobre épocas e políticas, ganha forte ênfase nessa longa conversação. Não à toa. Os lugares são utilizados pelo protagonista como marcadores de memória, importantes para a formação de um espaço identitário que possibilite alguma pertença e a recomposição da história pessoal.

O livro é pontuado por fotografias, cartões, desenhos, mapas, tíquetes que vão surgindo nas páginas sem explicações ou legendas. Mais sugestivas que documentais, essas intromissões dão idéia da coleta de objetos variados que fez parte do trabalho do protagonista na recuperação de si. As fotografias estão fora de foco e em precárias condições de reprodução. Imprecisas, escuras, com contrastes mal resolvidos, elas são sombras que acompanham o empenho em recuperar o passado. Ao manejar a câmera, Austerlitz costumava fazer perquirições sobre o tempo.

Menciono essa obra por seu caráter emblemático de ficção literária que se reconhece como algo específico e não duplica nem apela à mídia. Se as narrativas eletrônicas privilegiam a ação acelerada, nos romances de Sebald a supremacia é da descrição do que, de outro modo, passaria despercebido: detalhes de fundo de cena. Se a sociedade midiática cultua a alta qualidade da imagem, as fotografias espalhadas pelo romance são de muito má qualidade e provocam o leitor a atribuir algum sentido a essa imprecisão.

A literatura de Sebald é representativa daquilo que a literatura oferece e não pode ser encontrado em outros meios: o culto da linguagem verbal, a ritualização de contar uma história na cadência das palavras que se sucedem, o encantamento pela palavra em rede de signos lançada sobre o vazio, sobre o nosso desamparo e a nossa humana perplexidade. É a palavra, e só ela, que age como um vínculo, um contato, semelhante a este que faço aqui com vocês, diante de rostos novos e de outros em cujos traços reencontro a mim mesma, a que fui e a que sou.

Obrigada!

## Referências

LESSING, Doris. *El cuaderno dorado*. Buenos Aires: Punto de Lectura, 2007, p.92.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias*. São Paulo: EDUSP, 1997.

SEBALD, W. G. *Austerlitz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Trad. José Marcos Macedo)